

DIA SEM SOL

Você não vê, mas está lá,
numa chaise long de algodão.
Meio que se confessando pro infinito,
assim, se mostrando pelo avêso.

Partindo de cinza para embrião

Abaixo, suas lágrimas molham meu rosto.
Sem gosto, o sal adoça uma palavra.
Assim posto, parece um lençol, cetim,
numa cama de areia, enfim, brilhante.

Parece um dia sem sol

Frio e escuro, como a negação,
do outro lado do espelho está você
olhando para alguém, nos olhos,
esses mesmos que não conhecem ninguém.

Com o respeito, próprio de quem se vê com olhos de outrem,
tentando sem cessar, acolher o inóspito, o insípido,
mesmo quando, assim sem querer,
acaba se encontrando.

Não era isso que estavas buscando....

Quando de seu leito surge afinal,
joga um raio sobre tua solidão,
e a saudade desperta com olhos colados
e boca babada, fitando alhures,
tentando localizar-se no evento

Lentamente, o vento arruma seu penteado
e seu pensamento, o café, o cigarro,
ou outro vício que lhe assole.
Acolhe a consequência, engole o pão sêco.
Cotidianamente, continuadamente...

Você é fruto dessa semente.

Abraçado a essa sina, veste-se de sombra,
a luz projetada na retina astigmática
não vislumbra outra tática, senão a nuvem, a neblina...
uma sola descalça sobre o vidro,
uma alma buscando o indefinido

uma resposta genérica para todas
as perguntas, é o que buscas.

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/dia-sem-sol>